

## Vivências do puerpério: construção de significados por mães adolescentes

*Life of puerperium: construction of meanings for teenage mothers*

<sup>1</sup>Leila Carla Santos Landim, <sup>2</sup>Mônica Cecília Pimentel de Melo, <sup>3</sup>Adriana Gonçalves de Barros, <sup>4</sup>Rodrigo Nonato Coelho Mendes, <sup>5</sup>Luciano Marques dos Santos

<sup>1</sup>Enfermeira pela UNIVASF

<sup>2</sup>Enfermeira. Mestre em Enfermagem pela UFBA. Doutoranda em Enfermagem pela UFC. Docente do Curso de Enfermagem da UNIVASF.

<sup>3</sup>Enfermeira. Mestranda em Enfermagem pela UFRN.

<sup>4</sup>Enfermeiro. Residente em Gerência de Serviços de Enfermagem pela UEL

<sup>5</sup>Enfermeiro. Mestre em Enfermagem pela UFBA. Docente do Curso de Enfermagem pela UEFS.

### Resumo

**Introdução:** no puerpério, a adolescente vivencia mudanças advindas da fase e do novo papel de mãe, que modifica sua posição frente ao mundo e que repercute também em outros planos de sua vida. **Objetivo:** compreender o significado do puerpério entre adolescentes de uma Unidade de Saúde da Família em Juazeiro-BA. **Metodologia:** foi uma pesquisa de abordagem qualitativa, exploratória e descritiva, desenvolvida com puérperas-adolescentes acompanhadas em uma Unidade Básica de Saúde na cidade de Juazeiro-BA. Foram 10 participantes com idade entre 14 a 19 anos. Utilizou-se entrevistas semi-estruturadas, através de visitas domiciliares acompanhadas por Agente Comunitário de Saúde e analisadas de acordo com a análise temática de conteúdo. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira, sob parecer no. 1720/2010. **Resultados:** constatou-se que o puerpério para as adolescentes trouxe intensas mudanças em suas vidas, cuja adaptação desvelou sentimentos essenciais e necessários à compreensão de sua condição de mãe. **Conclusão:** assim, percebe-se que pensar na maternidade adolescente é se apropriar de adolescências com contextos ímpares e subjetivos, necessários para não se (pré)conceituar essa fase da vida.

**Palavras-chave:** Adolescente. Período pós-parto. Maternidade.

### Abstract

**Background:** in the postnatal period, the adolescent experiences changes resulting from phase and the new role of mother, which modifies its position before the world and that also resonates with other plans for his life. **Objective:** understand the meaning of postpartum adolescents in a Family Health Unit in Juazeiro-BA. It was a qualitative study, exploratory and descriptive, developed with mothers-teens together in a Basic Health Unit in the city of Juazeiro-BA. **Methodology:** there were 10 participants aged 14 to 19 years. We used semi-structured interviews, followed up through home visits by community health agent and analyzed according to thematic content analysis. The study was approved by the Research Ethics Committee of the Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira, in an opinion. 1720/2010. **Results:** it was found that the postpartum period for teenagers brought intense changes in their lives, whose adaptation feelings unveiled essential and necessary to the understanding of his mother's condition. **Conclusion:** thus, it is clear that thinking in adolescent motherhood is appropriating teens with unique contexts and subjective, is not required to (pre) conceptualize this stage of life.

**Keywords:** Adolescent. Postpartum period. Motherhood.

### INTRODUÇÃO

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), adolescência compreende a faixa etária entre 10 e 19 anos. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei no 8.069 de 13 de julho de 1990, é compreendida entre 12 e 18 anos de idade. Essa diferença é pouco relevante frente a todas as modificações biológicas, psicológicas, sociais e culturais que caracterizam esse período da vida (Kahhale, 1997).

Correspondência / Correspondence: Mônica Cecília Pimentel de Melo. UNIVASF Endereço: Av. José de Sá - Maniçona - Centro - Petrolina - PE Tel.: (87) 21016859 E-mail: monquinamelo@gmail.com

Assim, o conceito da adolescência não é unidimensional, mas, uma definição influente que abrange cinco componentes: idade cronológica, desenvolvimento biológico, desenvolvimento cognitivo e psicológico, mudança de status social e a participação em episódios do cotidiano adulto (Melo; Coelho, 2011).

No dia 05 de outubro de 1988 em cumprimento à Constituição Federal Brasileira foi promulgada o Programa de Saúde do Adolescente (PROSAD), que foi um dos programas contemplados pela Estratégia de Saúde da Família (ESF), em que visa proporcionar aos jovens, atenção integral à sua saúde. O PROSAD

surgiu para implementação de ações de promoção da saúde, diagnóstico precoce, tratamento e recuperação eficazes, tendo como objetivo a melhoria da situação de saúde desta população, dando origem a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e de Jovens (Brasil, 1993).

O PROSAD, juntamente com o Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM), implantado em 1984, cujas linhas de ação preconizam a integralidade no cuidado à mulher, propõe enfrentar, dentre outros agravos à saúde, a situação das mulheres frente aos riscos da gravidez, parto e aborto na adolescência, considerando suas implicações sob os aspectos biológicos, psicossociais e econômicos (Cabral, 2003; Brasil, 2005; Sampaio e col., 2011).

Por outro lado, a gravidez na adolescência tem sido um problema social e de saúde pública, segundo a OMS. Algumas conseqüências sociais da gravidez na adolescência são amplamente utilizadas em sua construção enquanto problema social (Cabral, 2003). Aparece como fenômeno incompatível com o modelo vigente na sociedade ocidental que se mostra competitiva, consumista, em processo de empobrecimento, com estreito mercado de trabalho e, ao mesmo tempo, exigente de melhores condições de vida para a população (Brasil, 2000). Percebe-se, portanto, que o episódio é freqüentemente tratado de modo padronizado, em que se ignoram as diferenças de gênero e de classe.

No tocante ao puerpério, as adolescentes passam por um período de adaptação, como qualquer mulher adulta, caracterizado pelo retorno do organismo às condições pré-gravídicas, sendo um momento de mudanças importantes e fonte de estresse, já que a adolescente vivencia um processo intenso de adaptações biológicas, sociais, psíquicas e culturais. Ademais, o puerpério oferece à mulher a realidade da maternidade, independentemente dos ensejos que levaram à gravidez, surgindo uma satisfação em confirmar a fertilidade e a capacidade de gerar um filho.

O puerpério entre adolescentes pode ser pleno de significados e novas adaptações diante de um novo papel, sendo influenciado por aspectos históricos, socioculturais e de gênero. Partindo-se desse pressuposto, surgiu a seguinte questão de pesquisa: Quais são os significados atribuídos ao puerpério entre adolescentes? Apresenta como objetivo compreender os significados do período puerperal entre adolescentes de uma Unidade de Saúde da Família de Juazeiro-BA.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Tratou-se de um estudo com abordagem qualitativa, exploratório e descritivo, em que se buscou familiarizar e elevar a compreensão de um problema de pesquisa, desenvolvido em uma unidade pertencente à

Secretaria Municipal de Saúde do município de Juazeiro-BA - Unidade de Saúde da Família Vila Jacaré. A mesma foi selecionada porque tem um índice elevado de adolescentes gestantes, com baixas condições socioeconômicas, o que especifica melhor o objeto estudado.

Assim, foram entrevistadas no período de março a abril de 2010 dez puérperas adolescentes, com idade entre 10 a 19 anos, cadastradas na unidade de saúde anteriormente mencionada, que fossem primíparas e em qualquer fase do puerpério, pois possibilitaria conhecer o fenômeno pesquisado de uma forma mais específica, compreendendo melhor a transição da adolescência para a maternidade, podendo se apresentar em qualquer fase do puerpério, seja ele imediato, tardio ou remoto, como uma forma de ampliação do universo estudado.

Como características amostrais apresentou-se como não-probabilística, do tipo intencional, com fechamento por saturação teórica, definido como a suspensão de inclusão de novos participantes, quando os dados obtidos passam a apresentar, na avaliação do pesquisador, certa redundância ou repetição, não sendo considerado relevante persistir na coleta de dados. Essa condição foi observada na sétima entrevista, tendo seguido com mais três entrevistas como uma forma de confirmação daquilo que se repetia.

Fizeram parte do estudo as adolescentes que tiveram interesse em participar da pesquisa e que os pais ou os responsáveis assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, no caso das menores de 18 anos. O termo de consentimento foi assinado em duas vias, sendo uma via da pesquisadora e a outra dos sujeitos da pesquisa. As adolescentes puérperas foram orientadas sobre os objetivos e a justificativa da pesquisa, bem como o sigilo e a finalidade acadêmica das informações.

É importante ressaltar que foram respeitados os aspectos éticos adotados a partir da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, que trata da pesquisa envolvendo seres humanos, com a garantia do anonimato, da livre escolha de participar do estudo, bem como de desistir a qualquer tempo, sem qualquer tipo de represália. Para a garantia do anonimato, as entrevistadas foram identificadas através de pseudônimos representados por nome de sentimentos.

A pesquisa obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Medicina Integral Prof. Fernando Figueira (IMIP), através do protocolo nº 1720/2010. As entrevistas foram realizadas através de visitas domiciliares, agendadas previamente com os agentes comunitários de saúde (ACS), no período da coleta. Para a realização dessas visitas, foi agendado um encontro com os ACS para levantamento anterior do número de adolescentes puérperas e para o fornecimento de orientações acerca da pesquisa.

Dentre essas orientações foi solicitado privacidade entre entrevistada e entrevistadora, para que não houvesse interferências do meio. É importante destacar

também que a mesma orientação foi solicitada para os familiares da entrevistada, caso estivessem presentes no momento da entrevista.

Os dados empíricos foram coletados mediante aplicação de entrevistas semiestruturadas, cujo roteiro continha as seguintes questões norteadoras: o que significa para você essa fase; você se encontra adaptada a essa fase; como foi/está sendo para você lidar com a adolescência e a maternidade; quais os cuidados que você presta consigo e com a criança, descrevendo suas facilidades e dificuldades; sua vida mudou; quais as expectativas e planos para o futuro.

O tratamento dos dados se deu através da análise temática de conteúdo, ao qual é conceituada por Bardin (2009), como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que visa obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens, indicadores quantitativos ou não que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens. O conteúdo dos textos pôde ser lido, pré-analisado e depois escolhidas as informações que condiziam com a temática do estudo (Bardin, 2009).

As entrevistas colhidas com as adolescentes puérperas foram organizadas em 05 categorias e 07 subcategorias.

## RESULTADOS

Utilizou-se como base de apresentação categorias e subcategorias baseadas nas respostas dos sujeitos, conforme se caracterizam a seguir:

### Adolescer x maternidade: significados atribuídos

Ser mãe na adolescência tem muitos significados para as adolescentes, pois as mesmas adquirem maturidade frente a sua responsabilidade em serem mães. Portanto, diante desses significados atribuídos foram agrupadas em quatro subcategorias as falas das entrevistadas para um melhor detalhamento da categoria.

#### Maturidade frente ao ser mãe

Nessa subcategoria as adolescentes relatam sobre a grande responsabilidade que acomete a elas, deixando de lado toda a vida de festa, o divertimento com os amigos e o afastamento da escola por dependência da criança, e muitas vezes, por não ter com quem deixá-la, mostrando então, que as adolescentes-puérperas denotam uma postura de maturidade frente a fragilidade do recém-nascido.

Muda muito, perdi muitas coisas! São outras responsabilidades, outra vida (Carinho, 17 anos, parceiro fixo, ensino médio incompleto). É um pouco difícil, eu poderia estar saindo, aproveitando a vida, estudando, mas não dá, é responsabilidade demais (Alegria, 19 anos, parceiro fixo, ensino médio completo).

A maternidade para as adolescentes trouxe in-

tensas mudanças em suas vidas pessoal e familiar, cuja adaptação tem evocado sentimentos inerentes e necessários à compreensão de sua condição de mãe. Essa experiência pode ser um fator de limitação para a adolescente no que tange à educação, ao trabalho, ao matrimônio e a perspectivas futuras, podendo acarretar, caso não haja um incentivo por parte das políticas públicas voltadas à adolescente grávida/puérpera, e principalmente, das pessoas envolvidas no mesmo ambiente social da jovem, em perdas na sua formação educacional e distanciamento do grupo de convivência (Souza, 1999; Trindade, 2005; Silva e col., 2009).

### Conflito de papéis

Os depoimentos das puérperas a seguir relatam que antes o centro das atenções da família eram elas, hoje depois da gestação percebem que eram uma criança e agora são mães, deixando de lado algumas vontades que antes eram concebidas pelos pais, para o bem estar do seu filho.

As entrevistadas relatam a imensa vontade de sair, mais que antes de pensar em sair tem que pensar no filho que está em casa, pois os pais mostram para ela o tempo todo que ela não pode mais viver a vida de antes.

Foi bom não, viu! Pois antes tudo era para mim aqui em casa e agora quando eu quero uma coisa meus pais falam que tenho que pensar no meu filho, e aí, me calo e não peço nada. Sou uma criança que virou mãe antes da hora e ainda me sinto criança (Gratidão, 17 anos, solteira, ensino médio incompleto).

A passagem da maternidade na adolescência se mostra ancorada em novas situações vivenciadas numa dinâmica sócio-relacional e afetiva. Assim, a adolescência foi percebida como um período de formação dos grupos de amigos, liberdade para namorar, busca de novos espaços sociais, maior autonomia de expressão e sinônimo de alegria e diversão (Rodrigues e col., 2009).

Nos depoimentos as adolescentes expõem que houve restrições em suas vidas, e que essas estão relacionadas ao processo de socialização, quando as meninas são criadas para assumir papéis maternos e domésticos (Marciano e col., 2004) Para tanto, a vinculação à perda do lazer, que aparentemente é entendida como uma punição, evidencia uma mistura de sentimentos em que a culpa e a vontade de retornar à infância podem ser simbolizadas pelo ato de calar-se.

### Não aceitação das mudanças do corpo

Nessa subcategoria percebe-se que a adolescente possivelmente não estava informada sobre as mudanças do seu corpo no período pós-parto que fisiologicamente retorna às condições pré-gravídicas; ou não houve um preparo, uma sensibilização, para a vivência dessa mudança sem prejuízos para a adolescente. A falta de informação deixou a adolescente com a percepção de que seu corpo está fora dos padrões estéticos exigidos socialmente.

[...] no início, me achei muito feia, gorda e fiquei até sem vontade de amamentar, com medo de meus seios caírem e sem comer direito para voltar ao meu peso normal [...] (Compaixão, 15 anos, solteira, ensino fundamental incompleto).

O autocuidado no puerpério, para a grande parte das adolescentes puérperas, está associado ao desejo de que o mesmo volte as suas condições pré-gravídicas, como uma preocupação com a beleza e a vaidade feminina (Silva e col., 2009).

A involução do organismo materno vivenciada no puerpério se desvela pelas alterações anatômicas e fisiológicas que o corpo sofre após o nascimento do filho, num conflito entre a autoimagem e o corpo idealizado, exigindo da gestante um processo de adaptação, o que certamente interfere na sua imagem corporal (Rodrigues e col., 2009).

#### **Contemplação ao amamentar e cuidar do filho**

As puérperas adolescentes se emocionam com seu momento único - o de ser mãe, mesmo com alguns incômodos durante o parto e pós-parto, elas se envaidecem e sentem-se felizes na hora que está amamentando e quando está prestando os cuidados com seu filho. Uma das entrevistadas nos depoimentos a seguir fala do imenso gosto de ver a sua filha amamentando e dormindo a ponto de ficar velando seu sono e não deixar que as pessoas que a visitem, possam pegá-la, devido ao ciúme.

É um momento muito feliz da minha vida, que não sei como explicar, senti muita dor antes de ter meu filho, não penso em outro. Quando ele está mamando é um sentimento que não sei explicar (risos) (Carinho, 17 anos, parceiro fixo, ensino médio incompleto).

[...] é emocionante ver a minha filha mamando, dormindo. Estou tão besta por minha filha que fico olhando ela dormindo um tempão e toda hora venho no quarto olhá-la. Sou tão ciumenta que não deixo muito as pessoas pegarem ela não. [...] (Esperança, 16 anos, solteira, ensino médio incompleto).

Nessa mesma direção, pode-se identificar que as mudanças na vida destas adolescentes abriram possibilidades para o crescimento pessoal, expressando-se em senso de preocupação e responsabilidade, na medida em que toma consciência da relação de dependência do filho para consigo (Silva e col., 2009).

A amamentação aparece como um dos primeiros desafios de se adaptar ao ritmo da criança, ao mesmo tempo em que emergem a exaltação pela vivência da maternidade. Mesmo com os obstáculos que surgem frente a primeira experiência da maternidade para as adolescentes é preciso cultivar a sensibilidade e a paciência para atingir a maturidade psicológica, de modo a enfrentar os problemas, aprendendo a lidar com as mudanças e renúncias e refazendo os compassos da vida (Silva e col., 2009).

Na fala a seguir a puérpera relata a sensação de bem-estar e contemplação associados ao ato de amamentar, mesmo com algumas dificuldades em como posicionar-se de forma mais aconchegante, evitando desconfortos para ela e seu filho.

É muito bom amamentar. Vê-la sugando meu peito é muito bom. Senti muito desconforto na hora de sentar para amamentá-la, mas depois, fui pegando o jeito. [...] (Felicidade, 16 anos, solteira, ensino fundamental incompleto).

As puérperas consideram importante amamentar por proporcionar uma boa condição de saúde e desenvolvimento para a criança, sendo percebida como um alimento, necessário à saúde do bebê, mesmo que no início possam apresentar dificuldades (Nakano, 2003).

A seguir, a puérpera fala que não teve leite suficiente para amamentar seu filho, mais que a vontade da mesma era de estar amamentando. A mesma mostra sua tristeza de não ter amamentado o seu filho como deveria.

É muito bom amamentar só que não tive leite, só amamentei na primeira semana, tirava com a bomba, mas não havia estímulo e acabou secando, mas queria muito estar amamentando (Alegria, 19 anos, parceiro fixo, ensino médio completo).

A razão mais comum mencionada por mulheres para interromper o aleitamento materno, ou oferecer outros tipos de leite e outros alimentos para o bebê, é a crença de que ela não tem leite o suficiente. Tanto a água, quanto o chá são prejudiciais ao organismo infantil, pois quando ele nasce os rins não estão preparados para receber grandes volumes de líquidos, o que os coloca sob pressão, podendo causar lesões. O complemento com chás, água e outros alimentos artificiais, dilatam o estômago da criança, impossibilitando sucção adequada no seio materno, diminuindo o estímulo na mama, e assim a produção hormonal, tendo como consequência o desmame precoce (Lana, 2001).

#### **Práticas de cuidados puerperais**

Para essa categoria foram escolhidas as falas das puérperas adolescentes que demonstravam o seu interesse pelas práticas de cuidados puerperais consigo mesmas e com as crianças. As mais citadas foram cuidados com as mamas; alimentação da mulher lactante; cuidados à criança na hora do banho e os cuidados gerais para que não haja o adoecimento de ambos.

Cuidado para não pegar gripe, prestar atenção em tudo para não ficar doente. No começo do meu resguardo eu não tava comendo de jeito nenhum, tudo que eu comia vomitava, só agora que estou comendo (Amor, 17 anos, solteira, ensino fundamental completo). Cuidados comigo? Tomo sol nas mamas como me ensinaram no posto e no hospital, tomo muito líquido e me alimento bem, minha mãe é muito carrasca em relação a tudo,

me coloca nos eixos. Nada de comer besteira! (risos) (Esperança, 16 anos, solteira, ensino médio incompleto).

As principais preocupações da mãe nas primeiras semanas após o parto relacionam-se à alimentação do recém-nascido, aos tipos de roupa, aos cuidados com o coto umbilical, às cólicas, e a problemas consigo, tais como dieta, exercícios, fadiga, relacionamento com a família e com o parceiro (Maranhão, 1986). Tudo o que a mãe ingere e o organismo metaboliza, em parte, chega ao leite materno, isto não significa que certamente fará mal ao bebê. Alguns profissionais de saúde aconselham as mães a manterem uma dieta normal, ou seja, da mesma forma como se alimentavam anteriormente (Vaucher; Durman, 2005).

As adolescentes falam o quanto à família foi importante para elas no aprender a cuidar de seu filho. Elas mostram que a orientação da mãe no cuidado com seu filho foi essencial para aprender a cuidar da criança.

[...] Minha mãe veio do interior, porque minha tia trabalha, aí aprendi a fazer as coisas com ela, como dar banho e trocar fraldas (Amor, 17 anos, solteira, ensino fundamental completo). [...] só eu e minha mãe cuidamos dela, tive medo de dar banho, mas agora só eu dou banho, cuidei direitinho até cair o umbigo, passava álcool a 70% e nunca deixo a fralda apertada demais, sempre coloco uma roupa fresquinha quando está calor. Cuidados comigo? Eu não como besteira para minha filha não sentir cólica (Esperança, 16 anos, solteira, ensino médio incompleto).

Para a maioria das adolescentes percebeu-se que a ajuda familiar foi fundamental para com os afazeres de casa e cuidados com o bebê. A ajuda feminina é predominante, geralmente oferecida pela mãe da adolescente, sogra, irmãs e tias. É algo culturalmente esperado pelas adolescentes, visto que estas, no início, se consideram inseguras por não terem experiência para realizar os cuidados com o filho, sozinhas (Silva e col., 2009).

As adolescentes puérperas em seus depoimentos relatam que os primeiros dias da volta para casa, foram difíceis, pois não estavam acostumadas a cuidar de uma pessoa tão pequena, mas ressaltam mais uma vez a importância de um familiar, pois foi só com essa ajuda que elas conseguiram perder o medo e fazerem tudo sozinhas.

No começo foi difícil, mas meus pais me ajudaram muito. Hoje já estou mais acostumada. [...] (Felicidade, 16 anos, solteira, ensino fundamental incompleto).

Todo mundo fala que gente nova não sabe cuidar de criança, mas eu que sempre cuidei do meu filho. Desde o início minha mãe me ajudava, [...], mas eu que dei banho e que trocava a fraldinha. [...] (Alegria, 19 anos, parceiro fixo, ensino médio completo).

Foi bom! Deu medo! Ele é molinho e pequeno. [...] (Ternura, 14 anos, solteira, ensino médio incompleto).

As primeiras experiências em lidar com o recém-nascido envolvem dificuldades e inseguranças, permea-

das pelo temor das adolescentes em cuidar de um indivíduo tão dependente, potencializado por se tratar do primeiro filho e pela falta de experiência, fato explicado e demonstrado pelas mães-adolescentes, entrevistadas na pesquisa, como a concepção de que o recém-nascido é um ser frágil, principalmente enquanto dá banho, troca as fraldas e realiza a higienização do coto umbilical (Bergamaschi; Praça, 2008). Logo, o fortalecimento da capacidade de cuidar do outro traz a superação das dificuldades e medos, tornando a puérpera-adolescente cada vez mais confiante, percebendo-se capaz para prestar os cuidados ao seu recém-nascido.

No depoimento a seguir a puérpera primeiramente observava os cuidados que a sua mãe fazia com seu filho para depois ela mesma agir. Depois de ter observado os cuidados, a adolescente passou a reproduzi-los.

[...] observava minha mãe cuidar dele. [...] Não deixo ele sem roupa se tiver frio, não deixo ele muito tempo molhado, porque ele soluça muito e sempre quando dou banho o arrumo direitinho (Compaixão, 15 anos, solteira, ensino fundamental incompleto).

Após observar empiricamente os cuidados prestados por sua mãe, a puérpera-adolescente já se sentia mais segura para aplicar os mesmos cuidados. As mães ainda sem experiência com os seus filhos preferem muitas vezes observar e serem supervisionadas por alguém mais experiente quando se trata de assumirem as responsabilidades de cuidar do recém-nascido e que ao tornarem-se confiantes, sentem-se capazes e motivadas a cuidarem do filho (Bergamaschi; Praça, 2008).

As adolescentes, independentemente da idade, demonstram serem capazes de suprir as necessidades biológicas de seus filhos, alimentando-os, higienizando-os, cuidando de suas roupas, prevenindo doenças e velando-os. Dessa maneira, as dificuldades apontadas no início do puerpério, comuns a todas as primíparas, deixam de ser empecilhos para se tornarem parte de um ritual de passagem, cumprindo satisfatoriamente a rotina de cuidados prestados à criança.

### **Enfrentamentos da maternidade adolescente**

Para algumas puérperas-adolescentes a maternidade trouxe muitos empecilhos, agrupados nessa categoria, como o não atendimento das necessidades da criança através do seu choro, o afastamento da escola por falta de tempo e pela criança precisar dos seus cuidados, e por fim, o isolamento do ciclo de amizades diante da descoberta da gestação.

### **Choro da criança como representação ao não atendimento das necessidades da criança**

Nos depoimentos seguintes nota-se que as adolescentes sentiam-se inseguras quanto ao choro do seu filho. Tudo era feito para que ele não sentisse nenhuma dor e nem tivesse suas necessidades não atendidas, mas mesmo assim, quando seus filhos choravam, elas ficavam desanimadas.

Fazer uma boa alimentação e tudo para que ele se sintam bem, e não chore. Quando ele chora que fico sem saber o que ele tem, aí eu começo a me agoniar (Carinho, 17 anos, parceiro fixo, ensino médio incompleto).

Meu filho não dormia a noite toda! Já não agüentava mais sem dormir umas 3 noites. Fiquei muito irritada e desanimada. [...] Juro que pedi ao médico do posto que passasse um calmante para ele e o médico falou que ele tava se acostumando com o local. [...] ainda tenho medo quando ele chora, fico logo nervosa. Até chorar, chorei quando ele não dormia (Alegria, 19 anos, parceiro fixo, ensino médio completo).

O choro do bebê para algumas puérperas adolescentes passa a ser um evento inesperado e de grande incômodo. O ato de chorar se torna a única forma de expressão diante de situações tais como fome, cólica, dor, desconforto ou irritação. Para algumas adolescentes as lágrimas de seu filho podem ser percebidas como uma demanda da criança que não foi atendida de forma satisfatória pela sua inexperiência em lidar com esse tipo de situação.

#### **A situação com a escola, a família e o companheiro**

Os pais são uma peça fundamental na vida de todas as puérperas, mesmo com a não aceitação inicial, percebe-se que com o avançar da gravidez se tornam mais flexíveis e condizentes com a situação das filhas, dando-lhes apoio e segurança. Nos depoimentos abaixo se observa que além da família, o parceiro, mesmo com o nascimento da criança, permaneceu ao lado da adolescente.

No tocante ao atendimento das necessidades do filho, o pai pode se sentir privado de suporte, para tanto, também é preciso que o homem se envolva no processo de cuidar do filho para que o casal possa lidar com as emoções e cuidados exigidos neste período, compartilhamento as situações, permitindo emergir sentimentos de companheirismo, e entrega aos papéis exteriorizados através do amor, carinho, afeto e solidariedade (Zagone e col., 2003).

Logo, por trás da visão reducionista de que toda maternidade adolescente resulta em abandono por parte do companheiro podem estar decisões, projetos, metas e objetivos de mudanças perante a paternidade assumida.

[...] Não vou mais a escola, hoje vivo em outra família, a do meu marido. Meus pais brigaram muito quando engravidei, por isso estou aqui (Carinho, 17 anos, parceiro fixo, ensino médio incompleto).

Mudou porque parei de estudar e trabalhar, [...] minha família e meu marido estão do meu lado (Paixão, 19 anos, casada, ensino fundamental incompleto). [...] meus pais brigaram muito, pensei até em desistir de

meu filho, mas hoje eles adoram o neto (Compaixão, 15 anos, solteira, ensino médio incompleto).

Já com relação às falas abaixo as famílias da adolescente novamente como nas situações acima se solidarizaram com a mãe adolescente, ao contrário dos seus respectivos parceiros. Em relação à escola, as adolescentes a abandonaram para cuidar do seu filho, mais pensando em retornar, quando ele tiver menos dependente.

[...] meus pais me confortam e me ajudam mesmo sempre dizendo que fui errada [...]. Pensei em abortar porque o pai do meu filho não me queria mais. Disse que fiz de propósito (chorou), mas, resolvi falar para os meus pais e eles me aceitaram como eu estava. [...] que ele um dia pense bem no que ele fez e venha, pelo menos, ver o filho (Gratidão, 17 anos, solteira, ensino médio incompleto).

[...] Amo muito minha filha, mas se pudesse voltar atrás, tinha me prevenido e não teria engravidado. A escola, não estou indo, mas pretendo voltar logo. Meu parceiro (risos)? Só foi bom quando me relacionei, agora eu tenho uma filha, onde ele está? Família é meu tudo (Esperança, 16 anos, solteira, ensino fundamental incompleto).

O sofrimento sentido pela ausência do companheiro durante a gravidez e na composição familiar, ressignifica o conceito tradicional de família. A reelaboração desse conceito traz a necessidade da jovem se auto-afirmar como grávida e assumir sozinha as responsabilidades de mãe (Rodrigues e col., 2009).

Diante de todos os depoimentos acima se pode perceber quanto o apoio da família é importante para a vida dessas jovens, deixando o medo de assumir verdadeiramente seu filho, de lado. Percebe-se também que o apoio do companheiro, seria muito bom para a construção da família, mas as adolescentes estão sabendo conviver e conduzir juntamente com seus familiares todos os cuidados necessários com a criança.

#### **Isolamento do ciclo de amizades**

Na entrevista a seguir a adolescente relata que antes da gestação tinha um ciclo de amizades, mas que depois que teve o filho esse ciclo se afastou. Esse depoimento denota o quanto a sociedade ainda estabelece a maternidade na adolescência como um ato inconseqüente e danoso, responsável pela perda da juventude.

É difícil, porque sei que não poderei fazer tudo que fazia antes, sair como eu saía, chegar a hora que eu queria. Hoje, percebo que minhas amigas não são mais as mesmas, vieram me visitar mais sumiram. Hoje percebo que é somente minha família e eu. Agora não estou sentindo muita falta ainda, porque minha filha consome meu tempo todo, mas sei que agora tenho uma responsabilidade. Que a minha vida nunca mais será a mesma (Esperança, 16 anos, solteira, ensino fundamental incompleto).

Quando se visualiza a expectativa do balanço entre ganhos e perdas, a maternidade proporciona mais benefícios do que prejuízos para a vida das puérperas-adolescentes. Os sentimentos positivos em relação à maternidade se sobressaem sobre os negativos, porque a qualidade de vida delas melhora após o parto. As mudanças positivas consideradas pelas adolescentes foram o distanciamento dos amigos e deixam a vida na rua para destinar mais atenção aos seus filhos (Hoga, 2008).

#### **Possibilidades de adaptação ao puerpério**

As adolescentes puérperas relataram em suas falas que foi fácil o período de adaptação entre ela e o seu filho, no mínimo as primeiras semanas foram as mais difíceis, mas que logo se acostumaram. As adolescentes apesar de não serem experientes conseguiram se sobressair bem na questão de adaptação, elas deixaram o medo de lado e procuraram interagir com a criança.

[...] eu achei que não ia me adaptar fácil, mais me adaptei. Aprendi a cuidar (Carinho, 17 anos, parceiro fixo, ensino médio incompleto). [...] é muito difícil se acostumar, mas depois que se acostuma é bom em tudo. [...] (Felicidades, 16 anos, solteira, ensino fundamental incompleto).

Já acostumei. No começo é ruim, mas depois se adapta (Saudade, 17 anos, solteira, ensino médio incompleto).

A boa interação da mãe com o bebê faz com a ela conheça seu filho e aprenda a responder às suas necessidades de sono, alimentação, eliminações. As adolescentes ao mesmo tempo em que relatam enfrentamentos nas primeiras semanas, ressaltam a exaltação do momento ímpar em suas vidas e a tristeza, antes retratada, se oculta diante da contemplação e da racionalidade.

#### **Expectativas para o futuro**

Nessa categoria as adolescentes relatam sobre os seus planos para o futuro, tais como voltar a estudar e procurar um emprego para darem o melhor para os seus filhos. Todas as adolescentes planejam um futuro melhor para ambos, principalmente, no que tange uma boa educação, sem deixar que lhes falte nada.

Pretendo estudar, entrar na faculdade, quero que ela estude, pois sem estudo ninguém é nada. Meu irmão sempre fala: - Está vendo, era para você ter estudado e não engravidado agora. Ele fala G. vá estudar (Saudade, 17 anos, solteira, ensino fundamental incompleto). Arranjar um emprego para dar o melhor para minha filha e um dia ter minha própria casa, quando ela tiver maior. Nunca deixar que falte nada (choro). Ensiná-la para não errar, como errei (Gratidão, 17 anos, solteira, ensino médio incompleto).

As mães adolescentes costumam poder proporcionar expectativas melhores aos filhos, pois com as dificuldades econômicas e a baixa escolaridade das jovens, devido ao abandono da escola, emerge uma necessida-

de de não reprodução desse cenário, vislumbrando uma vida mais digna para o filho (Rodrigues e col., 2009). A baixa escolaridade dificulta a educação futura da criança já que as dificuldades passam a ser financeiras também. Os principais sonhos dessas jovens consistem em promover a própria condição de vida e a de seus filhos, resultando em um futuro melhor para ambos, e assim, manter a família (Hoga, 2008).

Deste modo, fazendo uma análise das citações das puérperas sobre as expectativas para o futuro, o que se percebe é que elas sabem a importância de estudar para melhor se sobressair no mercado de trabalho, procurando promover melhor qualidade de vida para seu filho e para ela própria.

#### **CONCLUSÃO**

No tocante à maternidade na adolescência percebe-se que o seu aumento vem acompanhado por uma complexidade de significados, motivações e magnitudes na vida das adolescentes.

As adolescentes expõem na pesquisa a grande responsabilidade que acomete a elas, a de "ser mãe". As mesmas acabam se limitando de alguns confortos e situações após o nascimento do seu filho, como sair para festas, se divertir com os amigos e até mesmo o afastamento da escola por dependência da criança, demonstrando maturidade frente à nova condição. Alguns depoimentos relataram sobre o medo de cuidar do recém-nascido por causa da sua fragilidade e por causa do seu tamanho, fazendo com que as mesmas aumentem ainda mais a sua responsabilidade, pois hoje não existe somente a vida dela, mas sim, outra vida totalmente depende dessa mãe.

Muitas das adolescentes se sentem tão responsáveis pela criança que preferem cuidar sozinhas do filho. Elas sabem que os familiares vão cuidar bem, mas mesmo assim, preferem prestar o cuidado ao neonato, assumindo as responsabilidades que lhe foram colocadas.

Em alguns depoimentos, as adolescentes perceberam que antes eram a criança da família e que agora passaram a ser mães, eram o centro das atenções, mas que quando seus filhos nasceram às atenções se voltaram inteiramente ao neonato. As jovens hoje abrem mão de algumas vaidades e vontades que antes eram concebidas pelos pais, para o bem estar de seus filhos. Mas, também relatam a vontade de sair com os amigos, se divertir, só que os pais as repreendem, mostrando-lhes que a prioridade é o cuidado para com o filho.

As puérperas se emocionam com seu momento único – o de ser mãe, mesmo com alguns incômodos e dificuldades no pós-parto, elas se envaidecem quando estão amamentando e quando estão praticando os cuidados com seus filhos. Elas falam que amamentar representa felicidade, exaltação e conhecimento, em que os dois necessitam de tempo suficiente para degustar o prazer de dar e receber.

As adolescentes assumiram verdadeiramente o papel de serem mães, vivendo inteiramente para cuidar do filho, se doando a cada dia para a criança. Percebe-se a contemplação e a dedicação delas por este momento significativo em suas vidas. Logo, a maternidade ocasionou várias mudanças em suas vidas pessoal e familiar, cuja adaptação dos sentimentos vivenciados é necessária à compreensão de sua condição de mãe. Elas demonstraram interesse pelas práticas puerperais e por si próprias.

A respeito dos significados atribuídos aos cuidados com o filho, transcorre com prioridade o atendimento das necessidades da criança, como condição simbólica para ser considerada mãe. Contudo, vale salientar o quanto a sociedade subestima a capacidade da adolescente de cuidar do próprio filho, atribuindo a sua inexperiência a incapacidade de cuidar de uma criança, impedindo de assumir inteiramente o cuidado pleno com o bebê, mas mesmo diante disso, as depoentes do estudo não desistiram de exercer satisfatoriamente seu papel de mãe, perante os cuidados essenciais com o filho.

As famílias das adolescentes exercem um papel importante de apoio e suporte nesta fase de aprendizado e adaptação. É de extrema importância estimular os familiares, para que sua participação seja de maneira a promover a independência da puérpera-adolescente no cuidado com o filho, bem como permitir a elas o estabelecimento de vínculos com o recém-nascido.

O estudo evidenciou ainda a relação entre gravidez e abandono escolar, determinando um possível agravamento das condições sócio-econômicas dessas adolescentes, que terão limitadas suas possibilidades de ocupação e sustento, de si e de seus filhos. Mas, apesar disso, há de se destacar a complexidade do fenômeno e de como ele se encontra pontuado por contextos diversificados, em que nem sempre se constata essa íntima relação.

Muitos são os estereótipos atribuídos ainda à mãe adolescente, mas que no estudo foi possível observar a maturidade do novo papel assumido através da abdicação de certas regalias, possíveis quando eram somente adolescentes; a prestação de cuidados ao filho em detrimento, muitas vezes do seu; e o status que a nova posição de mulher traz em seu bojo.

Desta forma, pensar na maternidade adolescente é se apropriar de adolescências com contextos ímpares e subjetivos, necessários para não se (pré)conceituar essa fase da vida, atrelada à múltiplos significados.

## REFERÊNCIAS

1. BARDIN, L. Análise de conteúdo. RETO, L. A.; PINHEIRO, A, (tradutores). Lisboa: Edições 70, 2009. 288p.
2. BERGAMASCHI, S. de F. F. PRAÇA, N. de S. Vivência da puérpera-adolescente no cuidado do recém-nascido, no domicílio. Rev. Esc. Enferm. USP, São Paulo, v. 42, n. 3, p. 454-460, 2008.
3. BRASIL, Ministério da Saúde. Área Técnica de Saúde do Adolescente

e do Jovem. A adolescente grávida e os serviços de saúde do município. Brasília: Ministério da Saúde, 2000. 31p.

4. BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. Normas de atenção à saúde integral do adolescente. Brasília: Ministério da Saúde, 1993. 50p.

5. BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Saúde integral de adolescentes e jovens: orientações para a organização de serviços de saúde. Série A. Normas e Manuais Técnicos. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

6. CABRAL, C. S. Contracepção e gravidez na adolescência na perspectiva de jovens pais de uma comunidade favelada do Rio de Janeiro. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 19, suppl. 2, p. S283-S292, 2003.

7. HOGA, L. A. K. Maternidade na adolescência em uma comunidade de baixa renda: experiências reveladas pela história oral. Rev. Latino Am. Enferm., Ribeirão Preto, v. 16, n. 2, p. 280-286, 2008.

8. KAHHALE, E. M. P. Mecanismos psíquicos da grávida adolescente. In: ZUGAIB, M. TEDESCO, J. e QUAYLE, J. Obstetria psicossomática. São Paulo: Editora Atheneu, 1997. 344p.

9. LANA, A. P. B. O livro de estímulo à amamentação. São Paulo: Atheneu, 2001. 423p.

10. MARANHÃO, A. M. S. A. Roteiro sistematizado para o levantamento de problemas e necessidades da puérpera. 1986. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 1986.

11. MARCIANO, E. et al. Influências e motivações na exposição à gravidez na adolescência. Axixá do Tocantins, 2003. Rev. UFG, Goiania, v. 6, n. especial, 2004.  
Disponível em: <[http://www.proec.ufg.br/revista\\_ufg/familia/M\\_Influencias.html](http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/familia/M_Influencias.html)> Acesso em: 23 mai. 2010.

12. MELO, M. C. P de; COELHO, E. de A. C. Ciênc. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 16, n. 5, p. 2549-2558, 2011.

13. NAKANO, A. M. S. As vivências da amamentação para um grupo de mulheres: nos limites de ser "o corpo para o filho" e de ser "o corpo para si". Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 19, suppl. 2, p. S355-S363, 2003.

14. RODRIGUES, D. P. et al. O adolescer e ser mãe: representações sociais de puérperas adolescentes. Cogitare Enferm., Curitiba, v. 14, n. 3, p. 455-462, 2009.

15. SAMPAIO, J. et al. Ele não quer com camisinha e eu quero me prevenir: exposição de adolescentes do sexo feminino às DST/aids no semi-árido nordestino. Saúde Soc., São Paulo, v. 20, n. 1, p. 171-181, 2011.

16. SILVA, L. A. da et al. Significados atribuídos por puérperas adolescentes à maternidade: autocuidado e cuidado com o bebê. Texto & Contexto Enferm., Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 48-56, 2009.

17. SOUZA, M. M. C. A maternidade nas mulheres de 15 a 19 anos: um retrato da realidade. Mundo Saúde, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 93-105, 1999.

18. TRINDADE, R. F. C. Entre o sonho e a realidade: a maternidade na adolescência sob a ótica de um grupo de mulheres da periferia da cidade de Maceió-Alagoas. São Paulo, 2005. Tese (Doutorado) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, 2005.

19. VAUCHER, A. L. I; DURMAN, S. Amamentação: crenças e mitos. Rev. Eletrônica Enferm., Goiania, v. 7, n. 2, p. 207-214, 2005.



20. ZAGONELI, I. P. S. et al. O cuidado humano diante da transição ao papel materno: vivências no puerpério. Rev. Eletrônica Enferm., Goiania, v. 5 n. 2 p. 24–32, 2003.

Submetido em 17.04.2013;  
Aceito em 03.09.2013.